

Deep ecology: uma nova metafísica em tempos de crise ambiental

FÁBIO AUGUSTO DARIUS¹
THIAGO ABDALA BARNABÉ²

Resumo: O estudo da ecologia baseia-se nas interações entre os diversos organismos vivos em uma rede conectada chamada ecossistema. O termo foi cunhado em 1866 pelo biólogo alemão Ernst Haeckel como um estudo sistemático da inter-relação dos seres vivos na terra. Contudo, a partir do século 20, os impactos socioambientais herdados pela idade moderna, começaram a se tornar amplamente perceptíveis e criticados. Com isso, a partir desse instante, diversos movimentos ambientais surgiram, pautados em temáticas de sustentabilidade e consciência ambiental. Nesse sentido, este estudo tem o objetivo de verificar a perspectiva ecológica contemporânea, a partir das vertentes do movimento denominado *Deep ecology*. Para tanto, foi empreendida pesquisa bibliográfica para fomentar a compreensão histórica e filosófica da ecologia, bem como para o entendimento da origem da *Deep ecology* e suas supostas perspectivas teosóficas. Em 1970, o filósofo escandinavo Arne Naess (1912-2009) estabeleceu, com base nos pensamentos de Baruch Spinoza e outros filósofos, uma linha de pensamento sobre a responsabilidade humana em relação à natureza. Sua filosofia, buscava estipular uma ecologia profunda, a qual reestruturasse as concepções ecológicas modernas e antropocêntricas. Portanto, espera-se compreender as mudanças da concepção ecológica na história visando os impactos ambientais causados no século 19 e 20 enquanto pano de fundo histórico para melhor percepção da perspectiva da *Deep ecology*, a partir da década de 1970. Ainda se conclui incipientemente que o pensamento proposto por Naess estabelece, hoje, medidas ecológicas sustentáveis e eficazes para uma melhor cidadania planetária.

Palavras-chave: Ecologia; filosofia; *Deep ecology*; Spinoza.

Deep ecology: a new metaphysics in times of environmental crisis

Abstract: The study of ecology is based on the interactions between the various living organisms in a connected network called an ecosystem. The term was coined in 1866 by the German biologist

.....
¹ Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo (EST) e pesquisador de História da Igreja. Possui mestrado nessa mesma instituição e graduação em História pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). Docente no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), campus Engenheiro Coelho. E-mail: fabio.darius@unasp.edu.br

² Graduando em bacharel em Teologia e licenciatura em História pelo Centro Universitário Adventista São Paulo, campus Engenheiro Coelho (UNASP). Contato: thiagoabdala84@gmail.com

Ernst Haeckel as a systematic study of the interrelationship of living beings on earth. However, from the 20th century onwards, the socio-environmental impacts inherited by the Modern Age began to become widely perceived and criticized. With that, from that moment, several environmental movements appeared, based on themes of sustainability and environmental awareness. In this sense, the proposed study aims to verify the contemporary ecological perspective, from the perspective of the movement called *Deep ecology*. To this end, bibliographic research was undertaken to sediment the historical and philosophical understanding of ecology, as well as to understand the origin of *Deep ecology* and its supposed theosophical perspectives. In 1970, the Scandinavian philosopher Arne Naess (1912-2009) established, based on the thoughts of Baruch Spinoza and other philosophers, a line of thought on human responsibility towards nature. His philosophy, sought to stipulate a *Deep ecology*, which would restructure modern and anthropocentric ecological concepts. Therefore, it is expected to understand the changes in ecological conception in history aiming at the environmental impacts caused in the 19th and 20th century as a historical background for a better perception of the perspective of *Deep ecology*, from the 1970s onwards. It is still concluded, incipiently that the thought proposed by Naess today establishes sustainable and effective ecological measures for better planetary citizenship.

Keywords: Ecology; Philosophy; *Deep ecology*; Spinoza.

A natureza como casa do homem

A ecologia é o estudo das relações entre os diversos seres vivos no planeta terra. O termo foi cunhado no século 19 pelo biólogo alemão Ernst Haeckel (1866) que havia observado de maneira sistemática as relações entre os organismos em forma e função³. No sentido etimológico da palavra, Wimberley comenta que: “A ecologia é uma derivação da palavra grega, *oikos*, que literalmente significa ‘casa’, ‘moradia’ ou ‘lugar para viver’” (2009, p. 14). Ao associar a visão ecológica como ‘moradia’ ou ‘casa’, pode-se estabelecer uma clara ligação com o conceito de natureza, o qual já é debatido no campo epistemológico filosófico por séculos.

O homem, ao longo da história, teve suas principais invenções e contribuições retiradas da contemplação da natureza. Todavia, ao mesmo tempo em que o homem atribuiu valor à natureza, ele a subjugou às suas próprias vontades. A partir do século 19, com as revoluções científicas, o homem deixa de contemplar a natureza e passa, agora, a dominá-la e utilizá-la apenas para seu próprio bem-estar. Hoje em dia, por causa desse comportamento nocivo, a humanidade vivencia uma realidade de crise ambiental pela qual florestas são cada vez mais desmatadas, e gases poluidores lançados na atmosfera diariamente (BELSHAW, 2001).

Com isso, para combater o pensamento vigente e a crise ambiental, surge em 1970 uma nova perspectiva ecológica, a *Deep ecology*, criada pelo filósofo norueguês Arne Naess. Essa concepção nasce em meio a uma reconfiguração do homem em relação à natureza, em um contexto de luta

.....
³ “Ele elaborou os primeiros estudos que inter-relacionam a biota com o meio em que vivem, mostrando ordenamento natural presente em todos os organismos e nas suas relações” (OLIVEIRA, 2016, p. 69).

contra as mazelas ambientais presenciadas na contemporaneidade e, acima de tudo, representa uma “nova metafísica” para o pensamento ocidental.

Após essa introdução, o estudo a seguir será dividido em quatro partes: (1) a natureza e sua concepção ao longo da história; (2) a *Deep ecology* como um novo olhar sobre a relação homem-natureza; (3) a *Deep ecology* e sua epistemologia; e (4) o desenvolvimento de uma melhor cidadania planetária sob o viés da *Deep ecology*. Ademais, tratando-se de uma pesquisa de caráter exploratório e investigativo, deve-se salientar que a perspectiva norteadora de tal estudo não se fundamenta nas bases teológicas-cosmológicas adventistas. O objetivo central é apenas compreender a *Deep ecology* como fenômeno filosófico, religioso e ético como alternativa em meio à crise ambiental contemporânea.

A natureza e sua concepção ao longo da história

As concepções da natureza foram diversas ao longo da história da humanidade visto que, a cada período, uma cultura se estabelecia com novos valores e percepções da realidade; como visto anteriormente, a noção de natureza é associada ao conceito de “casa/moradia”, visando uma relação cotidiana entre o homem e a natureza. Entretanto, a tarefa de identificar as diversas noções epistêmicas da natureza é muito difícil, em decorrência da variedade de culturas presentes no globo. Por isso, o foco será apresentar, brevemente, os conceitos sobre natureza em três períodos: antiguidade grega, idade média, modernidade (BELSHAW, 2001).

Na civilização grega, o conceito de natureza é atribuído à palavra *physis*. O significado de tal expressão diz respeito à própria representação do cosmo, do universo e tudo o que existe. Nesse sentido, a *physis* se contrapõe ao conceito de *téchne* relacionado à arte e ao artesanato, afinal de contas, para a concepção clássica grega, a natureza não era feita ou construída, mas sempre havia existido. Kesselring (2000, p. 155) comenta:

Para os gregos, o paradigma da *physis* era a vida orgânica. Esse é o primeiro caráter desse conceito. [...] A imagem arquetípica do Estado e do cosmos era o organismo [...] A Natureza era vista, além disso, como um processo circular, um processo de surgir e desvanecer. Esse é o segundo caráter da *physis*.

A filosofia grega também acreditava na ideia de uma *arché* dentro da *physis*, isso é, uma “essência” por trás da manifestação da natureza orgânica. Por isso, ao longo do desenvolvimento do pensamento grego, grandes filósofos buscaram estabelecer uma essência para todas as coisas dentro dos elementos naturais. Assim, uns identificavam a *arché* no fogo, como Heráclito, outros na água, como Tales de Mileto, até que essa *arché* fosse reduzida no átomo de Demócrito e, por fim, na *psyché* – a alma de Platão e Aristóteles (KESSELRING, 2000).

Já no período medieval, para compreensão da definição da natureza, deve-se ter em mente o pensamento vigente ou proeminente de tal época. Dessa maneira, ao averiguar as produções literárias desse tempo, verifica-se que o discurso teológico havia ganhado proporções imensuráveis. O pensamento escolástico – escola filosófica que integrou o pensamento aristotélico na tradição judaico-cristã – era dominante e fazia parte das academias. Nesse sentido, o conceito de natureza acabou sendo moldado por tal perspectiva; agora a natureza representava o âmbito completo da criação de Deus, expressando assim, a partir de suas belezas, a bondade e a sabedoria divinas (KESSELRING, 2000).



Uma problemática apontada como sendo uma das grandes raízes dos problemas ambientais modernos se dá pelo fato de a metafísica judaico-cristã concluir que o ser humano possui uma determinação especial dentro da natureza criada por Deus, podendo, dessa maneira, dominá-la e subjugar-la às suas vontades. Oliveira (2016, p. 62) comenta que:

Esta posição metafísica aponta para a correspondência entre um Deus antropomorfizado e um ser humano criado à sua imagem e semelhança, [...] A posição do homem dentro desta perspectiva é central já que o ser humano não é apenas tido como ápice da criação, mas como *imago dei*, tendo a permissão de dominar todas as outras coisas da terra, constituindo-se o representante divino na terra.

Conseqüentemente, o homem estaria apto a ter domínio sobre tudo que há na Terra, ocupando uma função divina. Ademais, ao mesmo tempo uma metafísica dualista, a natureza, apesar de ser um reflexo da criação de Deus, não passava de algo ilusório e imperfeito. A verdadeira beleza estética e todos os arquétipos da salvação se encontravam em um mundo-além (realidade espiritual); mundo esse que era a morada de Deus e dos seres superiores (anjos). Nesse ínterim, para o medieval, a natureza era apenas um espaço de “habitação transitória”, e o verdadeiro paraíso estaria ainda por chegar (OLIVEIRA, 2016).

Por conseguinte, a partir do século 15, com a entrada da chamada idade moderna, mudanças epistemológicas, sociais e políticas foram presenciadas. O renascimento em meados do século 14, e o iluminismo a partir do século 17, são grandes acontecimentos que fizeram transitar a dinâmica no pensamento ocidental. Na modernidade, o homem se eleva a um estágio superior e sai de sua menoridade e se torna, assim, o senhor da Terra em uma posição quase divina. Se na mentalidade medieval o homem já representava o ápice da criação, na modernidade ele se eleva às alturas divinas e faz da Terra o seu Céu. Dessa forma, transfigura-se a interpretação da realidade a partir de uma vertente completamente humanista e antropocêntrica (REALE, 2004).

Porventura, dentro desse novo espectro filosófico, a natureza, novamente, passa a ter uma nova reconfiguração para o homem. Nesse sentido, Kesselring comenta que:

Ele abandona sua menoridade e eleva-se como dono da Natureza, como seu dominador. A Natureza que, antes, era o âmbito da criação, torna-se objeto dele: objeto de sua Ciência e da sua manipulação. A divisão cartesiana do mundo em duas partes – a *res extensa* (mundo dos corpos materiais) e a *res cogitans* (mundo do pensamento) – é sintomática da cisão entre o Homem e a Natureza. Segundo esse esquema, a Natureza restringe-se à parte da *res extensa*. O pensamento, por outro lado, não pertence à Natureza (KESSELRING, 2000, p. 161).

Portanto, a partir da modernidade, a natureza é vista como uma grande máquina que poderia ser manipulada pelas leis da física. Essa visão é criada por René Descartes em sua obra *Discurso do Método*, assim como se intensifica na Revolução Científica com Isaac Newton e a física mecanicista. Bittencourt (2015, p. 110) comenta:

A ciência matemática abre caminho para que Descartes possa tomar a máquina como referência paradigmática do mundo e interpretá-lo em perspectiva puramente mecanicista. O cosmo já não é um espaço escolhido por Deus para revelar ao homem ‘sua natureza invisível, seu poder eterno e divino’



[...] mas é simplesmente a máquina da qual, o homem, de posse das ferramentas conceituais oferecidas pela matemática, pode conhecer os mistérios.

Infelizmente, tal pensamento, juntamente com parte da tradição judaico-cristã, acabou sendo responsável por estabelecer a perda do contato espiritual entre o homem e a natureza, fazendo com que a natureza apenas fosse objeto de sua ciência e progresso. Consequentemente, na contemporaneidade, notória são as sequelas deixadas por tal visão, a ponto de presenciar a destruição do globo em diversas esferas.

Deep ecology como novo olhar à relação homem-natureza

Diante de tal cenário desastroso, houve a necessidade de reconfigurar a imagem da natureza perante o monopólio humano. Dessa maneira, na década de 1970, surgiu uma nova teoria acerca da importância do meio ambiente, gerada por um grupo de ecólogos e filósofos. Entre os quais, três tiveram notável participação na construção filosófica do movimento, sendo eles: George Sessions, Bill Devall e Arne Naess, sendo este último objeto principal de nosso estudo.

Essa proposta ficou conhecida no movimento social e filosófico como *Deep ecology*. A primeira grande reflexão de Naess e seus companheiros diz respeito ao fato de o pensamento antropocêntrico ser a raiz dos problemas ecológicos. Segundo ele, a concepção humanista moderna faz parte do chamado “pensamento ecológico superficial”, no qual o homem coloca seus desejos e vontades próprios acima da natureza. Com isso, a relação do homem com a natureza é superficial, pois esse não se compromete de fato em regenerar a natureza dos danos causados por ele mesmo. Consequentemente, considerando essa visão errônea, Naess disserta sobre a necessidade de reformular os preceitos éticos, morais e filosóficos para então alcançar uma “ecologia profunda” (NAESS, 2008).

Para reformular esses preceitos, Naess recorre ao pensamento do filósofo e naturalista Baruch Spinoza (2008; 2012). Ao contrário de Descartes, Spinoza foi um pensador monista, o qual identificava que todos os elementos presentes na natureza se originavam de apenas uma substância: Deus/Natureza (*Deus sive Nature naturans*). Além disso, Spinoza também afirma que “mente e corpo são um só”, não havendo assim distinções metafísicas como propunha Descartes. A partir dessa tomada epistemológica, duas conclusões foram tomadas por Naess; (1) homem e outras formas de vida são derivados das mesmas substâncias, logo não há hierarquização entre tais; (2) o *cogito* não se sobrepõe a extensa, eles são um só, logo a natureza e o mundo físico não são subjugados ao pensamento humano, são integrados. Em suma, ele afirma: “Os dois aspectos da Natureza, aqueles de extensão e pensamento, são aspectos *completes* de uma realidade singular, e a perfeição os caracteriza” (NAESS, 1977, p. 47, tradução livre)⁴.

O encontro entre Spinoza e Naess é sucinto. Como visto anteriormente, na modernidade o homem subjugava a natureza às suas próprias vontades e desejos. Esse (humano), exerce apenas uma “função ecológica superficial”, como supracitado. Spinoza (2008; 2012), afirmativamente, expõe também sua indignação quanto a esse comportamento antropocêntrico e egoísta decorrentes do seu tempo. Ele afirma: “O homem na natureza como um império num império. Pois [humanos] acreditam, que em vez de seguir a ordem da natureza, o homem a perturba, que ele

.....
⁴ “The two aspects of Nature, those of extension and thought, are both complete aspects of one single reality, and perfection characterizes both”.

tem uma potência absoluta sobre suas próprias ações, e que não é determinado por nada mais além de si próprio” (E, III, pref.).⁵

Dessa maneira, ao partir do pensamento de Spinoza (2008; 2012), Naess propõe uma nova reconfiguração do homem em relação ao meio ambiente.⁶ Todavia, além de Spinoza (2008; 2012), Naess também possuiu influência do metafísico norueguês Peter Wessel Zapffe (1899-1990). Em seus pensamentos, Reed e Rothenberg exprimem que:

Ele cunhou seu próprio termo "biosofia" na década de 1940 para se referir à maior das tragédias existenciais descobertas pela humanidade em virtude de nossa própria situação biológica: aprendemos o suficiente sobre o mundo e nosso lugar nele para que percebamos que o planeta seria melhor sem nós. Nossa única escolha agora é abdicar de nosso papel reinante, graciosamente morrer, e deixar algumas outras espécies fazerem o que puderem com este mundo o melhor (REED; ROTHENBERG, 1992, p. 3, tradução livre)⁷.

A visão proposta por Zapffe se apresenta até mesmo um pouco radical e extremamente pessimista ao idealizar a morte da humanidade como única solução para os problemas enfrentados. Todavia, a relevância de seu pensamento se constitui na descentralização do indivíduo em relação ao meio ambiente. Com isso, Devall sintetiza o intento da *Deep ecology*:

O que chamo de ecologia profunda neste artigo tem como premissa uma gestalt de pessoa na natureza. A pessoa não está acima ou fora da natureza. A pessoa faz parte da criação em andamento. A pessoa se preocupa com a natureza, mostra reverência e respeito pela natureza não humana, ama e vive com a natureza não humana, é uma pessoa do "lar terrestre" e "vamos ser", permite que a natureza não humana siga destinos evolutivos separados (DEVALL, 1980, p. 303, tradução livre)⁸.

Agora, pois, esse indivíduo não se encontra acima ou fora da natureza, mas ‘dentro dela’, ‘fazendo parte dela’ e ‘sendo ela’. Nas palavras de Devall e Sessions (*apud* OLIVEIRA, 2016, p. 79), “se prejudicarmos o resto da Natureza, estaremos prejudicando a nós mesmos”⁹. Por fim, ao compreender que o homem não ocupa um grau elevado na natureza e que ele depende dela, Naess estabelece, então, dois conceitos fundamentais que movem a *Deep ecology*; (1) a autorrealização; e (2) o igualitarismo biocêntrico (DEVALL; SESSIONS, 1985). O primeiro deles diz respeito ao ser humano compreender o valor intrínseco de outras formas de vida. Por consequência, nas palavras de Oliveira (2016, p. 79),

.....

⁵ As referências estão classificadas de acordo com a organização espinosana: nome da obra (Ethica, ‘E’); parte (‘I’); apêndice (ap.); axioma (ax.); corolário (cor.); definição (def.); escólio (esc.); proposição (P.); explicação (expl.) etc.

⁶ As visões antropológicas e metafísicas de Spinoza (2008; 2012) em Naess serão exploradas com detalhe na próxima sessão, na qual não só apresentaremos a função do homem na metafísica da *Deep ecology*, bem como as visões de divindade e mundo.

⁷ “He coined his own term "biosophy" in the 1940s to refer to the greatest of existential tragedies discovered by humankind by virtue of our own biological predicament: we have learned enough about the world and our place within it so that we realize the planet would be better off without us. Our only choice now is to abdicate our reigning role, gracefully die out, and let some other species do what it can with this best of possible worlds”.

⁸ “What I call *Deep ecology* in this paper is premised on a gestalt of person-in-nature. The person is not above or outside of nature. The person is part of creation on-going. The person cares for and about nature, shows reverence towards and respect for nonhuman nature, loves and lives with nonhuman nature, is a person in the "earth household" and "let's being be," lets nonhuman nature follow separate evolutionary destinies”.

⁹ “if we harm the rest of Nature then we are harming ourselves”.

O igualitarismo biocêntrico está intimamente associado à autorrealização e ao mesmo tempo está inserido nesta. Ele defende [Naess] que a biota possui igualmente um valor intrínseco, negado a diferente valoração entre as espécies na qual há uma sobrevalorização do ser humano.

Semelhante à influência do pensamento de Spinoza (2008; 2012) sobre a *Deep ecology*, percebemos as mesmas características a respeito da igualdade entre os elementos vivos na terra. Oliveira (2016, p. 68) novamente contribui dizendo que: “Ele [Spinoza] ressalta a coerência de um pensamento onde a ação no mundo é derivada da coexistência e interdependência entre as partes, pois considera o ser humano apenas como uma modificação da substância, tão qual todos os outros seres que nos são conhecidos”.

Por fim, a *Deep ecology*, além de uma teoria ecológica de reformulações éticas e filosóficas é, sobretudo, um movimento social. Naess em 1986, em um ensaio denominado *The Deep ecology movement: some philosophical aspects*, estabelece um manifesto de 8 princípios que norteiam e caracterizam de forma plena o movimento. Estes princípios são:

1. O bem-estar e o florescimento da vida humana e não humana na Terra têm valor em si mesmos (sinônimos: valor intrínseco, valor inerente). Esses valores são independentes da utilidade do mundo não humano para propósitos humanos.
2. A riqueza e a diversidade das formas de vida contribuem para a realização desses valores e também são valores em si mesmas.
3. Os humanos não têm o direito de reduzir essa riqueza e diversidade, exceto para satisfazer necessidades vitais.
4. O florescimento da vida humana e das culturas é compatível com uma população humana substancialmente menor. O florescimento da vida não humana requer uma população humana menor.
5. A interferência humana atual no mundo não humano é excessiva e a situação está piorando rapidamente.
6. Portanto, as políticas devem ser alteradas. Essas políticas afetam as estruturas econômicas, tecnológicas e ideológicas básicas. O estado de coisas resultante será profundamente diferente do presente.
7. A mudança ideológica será principalmente a de valorizar a qualidade de vida (habitar em situações de valor inerente) em vez de aderir a um padrão de vida cada vez mais elevado. Haverá uma profunda consciência da diferença entre grandeza e grandeza.
8. Aqueles que concordam com os pontos anteriores têm a obrigação direta ou indireta de tentar implementar as alterações necessárias (NAESS, 2008, p. 65, tradução livre)¹⁰.

Tais princípios podem ser resumidos em três principais tópicos; (1) preservação absoluta da biodiversidade do planeta; (2) controle da população humana; (3) e, por fim, uma proposta para viver no planeta que envolva danos mínimos a outras formas de vida (MCHENRY, 2019). Em geral, esses são os aspectos que caracterizam a *Deep ecology*. A seguir, analisaremos de maneira mais profunda as bases epistêmicas que fundamentam a filosofia ecológica do movimento da *Deep ecology*.

.....
¹⁰ “1. The well-being and flourishing of human and non-human life on Earth have value in themselves (synonyms: intrinsic value, inherent worth). These values are independent of the usefulness of the nonhuman world for human purposes. 2. Richness and diversity of life forms contribute to the realization of these values and are also values in themselves. 3. Humans have no right to reduce this richness and diversity except to satisfy vital needs. 4. The flourishing of human life and cultures is compatible with a substantially smaller human population. The flourishing of non-human life requires a smaller human population. 5. Present human interference with the non-human world is excessive, and the situation is rapidly worsening. 6. Policies must therefore be changed. These policies affect basic economic, technological, and ideological structures. The resulting state of affairs will be deeply different from the present. 7. The ideological change will be mainly that of appreciating life quality (dwelling in situations of inherent value) rather than adhering to an increasingly higher standard of living. There will be a profound awareness of the difference between bigness and greatness. 8. Those who subscribe to the foregoing points have an obligation directly or indirectly to try to implement the necessary changes”.

A *Deep ecology* e sua epistemologia

Como visto anteriormente, a *Deep ecology* tem suas bases firmadas na filosofia de Spinoza (2008; 2012). Nas palavras de McHenry (2019, p. 237, tradução livre), “Ecologistas profundos como Naess e Sessions veem no monismo e panteísmo de Spinoza (2008; 2012) a visão metafísica que oferece a base da ecologia profunda”¹¹. Portanto, a fim de ampliar a compreensão filosófica da *Deep ecology*, há de se analisar três aspectos epistemológicos que caracterizam a filosofia de Spinoza (2008; 2012) e suas aplicações no movimento da *Deep ecology*, a saber: (1) a visão teológica da divindade; (2) a visão cosmológica, aspirando observar como o mundo é visto na perspectiva dos “ecólogos profundos”; e, (3) por fim, a visão antropológica, tratando da função do homem no mundo.¹²

Segundo Grayling (2019, p. 211), Spinoza (2008; 2012) foi um dos filósofos mais controversos do século 17: “negação da existência de uma divindade transcendente pessoalmente interessada no destino humano, negação da existência de almas imortais e negação da relevância contínua da Lei do Judaísmo conforme estabelecido nas escrituras”¹³. Por tudo isso, ele foi considerado como ateu e herege tanto por teólogos escolásticos, como pela comunidade judaica, a qual antes pertencia. Quanto ao motivo de tais críticas, elas ocorrem por sua maneira peculiar de definir a figura divina. Reale (2005, p. 17) comenta: “O Deus de que fala Spinoza é o Deus bíblico sobre o qual ele havia concentrado seu interesse desde a juventude, mas profundamente contraído nos esquemas da metafísica racionalista e de certas perspectivas cartesianas.”

Sua obra principal *Ethica*, trata-se de uma *ordine geometrico demonstrata*, na qual a partir de uma metodologia indutiva-geométrica¹⁴, busca-se descobrir a razão suprema da existência. A escolha do método está relacionada ao procedimento científico do século 17 iniciado por Descartes em *Discurso do Método*. Em geral, é pautada em um pensamento racionalista. Spinoza (2008; 2012), em ordem geométrica, busca definir a natureza de Deus, do homem e de Seu Bem Estar (REALE, 2005).

Tendo em vista esse panorama, quem é Deus para Spinoza (2008; 2012)? Em *Ethica* (I, def. 6) ele afirma: “Por Deus entendo o ente absolutamente infinito, isto é, a substância que consta de atributos infinitos, da qual cada um exprimi eterna e infinita essência”. Para Spinoza (2008; 2012), *Deus é causa sui* (causa em si mesmo) e *Natura naturans*, isso é, necessidade absoluta de ser, e causa imanente da qual tudo existe. Nesse sentido, ao contrário da tradição judaico-cristã, em Spinoza (2008; 2012), Deus não é pessoal e transcendente, mas puramente imanente e impessoal. Ele mesmo afirma:

Todas as coisas que existem, existem ou em si mesmas ou em outro [...] tudo o que existe, existe em Deus, pois sem Deus nada pode existir nem ser concebido [...] tudo aquilo que acontece, acontece unicamente pelas leis da natureza infinita de Deus e decorre da necessidade de sua essência (E, I, ax. 1).

Por fim, em Deus não se atribui só a dimensão da natureza como planeta, mas sim toda a realidade. Pois, como ressalta Ferreira (*apud* OLIVEIRA, 2016, p. 57):

.....

¹¹ “Deep ecologists such as Naess and Sessions see in Spinoza’s monism and pantheism the metaphysical view that offers the foundation of *Deep ecology*”.

¹² Teologia (Deus), antropologia (Homem) e cosmovisão (Mundo); compreendem as três áreas que fundamentam qualquer sistema filosófico ou religioso. A partir dos pressupostos colocados em cada uma dessas áreas, a visão de realidade/mundo pode ser extremamente distinta.

¹³ “denial of the existence of a transcendent deity personally interested in human destiny, denial of the existence of immortal souls and denial of the continued relevance of Judaism’s Law as set out in scripture”.

¹⁴ “Elementos de Euclides, ou seja, segue um procedimento que se desenvolve segundo definições, axiomas, proposições, demonstrações e escólios (ou explicações)”. Foi uma metodologia iniciada por Descartes e bastante apreciada por Hobbes (REALE, 2005).



Na verdade, a Natureza espinosana não corresponde ao mundo. Muito mais lata do que este, engloba tudo aquilo que existe, seja de índole material, seja de cariz espiritual. Nela estão contidos homens, animais, plantas, rios, montanhas, mas de igual modo inclui ideias, percepções, afectos, almas, ou melhor dito, mentes. Todas estas realidades são expressão de Deus.

Enfim, Deus passa a ser toda possível constituição da realidade; e tudo o que está em Deus está conectado e determinado. Nisso, encontra-se o conceito de panteísmo, ou seja, “tudo é Deus ou manifestação *necessária* de Deus nos modos explicados” (REALE, 2005, p. 20). É a partir dessa concepção que os “ecólogos profundos” utilizaram de Spinoza (2008; 2012) como filósofo base. Na ecologia, pressupõe-se uma conexão ecossistêmica entre todos os seres vivos (ou mesmo não vivos) na Terra.

Isso posto, Naess (1977, p. 48) comenta: “Há uma rede de relações de causa e efeito conectando tudo com tudo [...]. O ecologista Barry Commoner chamou 'Todas as coisas estão conectadas' o primeiro sentido de relações internas em vez de externas que caracteriza a ontologia ecológica”¹⁵. Portanto, fica lógico a correlação entre a metafísica da *Deep ecology* e o pensamento de Spinoza (2008; 2012), afinal, se na visão dos “ecólogos profundos”, tudo na natureza está conectado e interligado, qual o melhor argumento como base, senão a afirmação que a essência de todas as coisas é uma só, *Deus sive Natura naturans*?

Ademais, é importante ressaltar a forma como essa substância (Deus) se manifesta. Spinoza (2008; 2012) chama de *atributos* e *modos* como sendo extensões da essência de Deus. Reale (2005, p. 18-19) disserta que: “O atributo é aquilo que o intelecto percebe na substância como constitutivo de sua essência e que deve ser concebido por si [...] o modo é aquilo que existe em outro e que apenas mediante de outro é concebido.” Na visão de Spinoza (2008; 2012), Deus possui infinitos atributos, mas a mente humana conhece apenas dois deles: (1) o pensamento (*res cogitans*); e (2) a extensão (*res extensas*). Contudo, em contraste com Descartes, ambos atributos não pertencem a realidades distintas, mas sim de uma só realidade, isto é, Deus. E por fim, corpo e mente são modos (modos de ser ou agir) *singulares* e *finitos* da manifestação da única substância (Deus) (GRAYLING, 2019).

Mais adiante, o segundo ponto a ser discutido, é a concepção cosmológica de Spinoza (2008; 2012). Afinal, o que é o mundo para Spinoza (2008; 2012)? Nas simples palavras de Reale (2005, p. 19), “o mundo é a consequência necessária de Deus”. O mundo é *Natura naturata*, isto é, o efeito da causa iminente (Deus). É a partir do mundo que essa causa se mantém *em si*. Como discutido acima, o mundo é o reflexo da substância divina por meio de seus *modos* (a extensão e o pensar). Nesse sentido, não há como pensar em uma cosmologia espinosana sem envolver sua metafísica, visto que não há diferença entre Deus e mundo (REALE, 2005).

Agora, quem é o homem para Spinoza (2008; 2012) dentro de sua metafísica? Bom, como visto na primeira parte deste artigo, na idade média e nas sucessivas gerações, presencia-se uma cosmovisão do homem como ápice da criação e *imago dei* de um Deus antropomórfico, bem como, a partir da filosofia cartesiana e mecanicista, a ideia do homem como senhor da terra, e a natureza como objeto de sua ciência (KESSELRING, 2000). Contudo, para Spinoza (2008; 2012), o homem não ocupa uma posição digna de subjugar a natureza a partir de suas próprias vontades, pois “a metafísica espinosana, centrada na noção de substância única, exclui as concepções que caracterizam

.....
¹⁵ “There is a network of cause-effect relations connecting everything with everything [...] The ecologist Barry Commoner has called ‘All things are connected’ the first sense of internal rather than external relations characterizes ecological ontology”.

o ser humano como uma entidade separada do que denominamos como Natureza” (OLIVEIRA, 2016, p. 69). Consequentemente, para Spinoza (2008; 2012), não há uma realidade de “além-mundo” onde reside o divino que emancipa as ações destrutivas do homem. Para ele, o divino reside na pura imanência, visto que o mundo já é consequência *necessária* de Deus; e o homem, nesse contexto, é modo finito que surge do infinito *Deus sive Natura naturans* (REALE, 2005).

Sendo o homem *modo* causal da substância *uno* (Deus), também é modo da *Natura naturata* (Mundo, universo), visto que essa é efeito necessário e absoluto da essência de Deus. Logo, o homem e todos os seres que se manifestam como *modos* da substância Deus, se encontram em um nível de igualdade. E pelo fato de o homem conseguir identificar os *infinitos atributos* de Deus, isso é, o *pensamento e a extensão*, não significa que se encontra acima ou fora da realidade *imane*nte, como imaginava Descartes. Spinoza mesmo diz: “as leis e regras da natureza, de acordo com as quais todas as coisas se produzem e mudam de forma, [e estas] são sempre as mesmas em toda parte” (E, III, pref.). Por isso, Oliveira (2016, p. 68) acrescenta: “desta maneira o ser da Substância/Deus/Natureza se expressa nos modos, e o ser dos modos compõe o todo. Há assim uma continuidade entre os corpos, formando uma gama interconectada e necessária entre eles.”

À vista disso, a ordem metafísica não assume hierarquias ontológicas como na tradição judaico-cristã, em grande parte influenciada ao longo dos séculos pela metafísica aristotélica, mas sim uma *totalidade*. Isso posto, Reale (2005, p. 14) comenta:

enquanto para a metafísica antiga as substâncias são múltiplas e hierarquicamente ordenadas [...] Spinoza prossegue sobre esta linha, dela tirando as consequências extremas: existe uma só substância, originária e autofundada, causa de si mesma (*causa sui*), que é justamente Deus.

Dessa maneira, entende-se que o homem é parte inerente da Natureza/Deus, e este está/é intrinsecamente ligado a todos os *atributos e modos* que manifestem a essência divina (*Deus sive Natura naturans*); logo, sua essência de ser é a mesma de todas as outras formas de vida (OLIVEIRA, 2016). Ademais, ao identificar as *partes* (animais, plantas e o homem) como sendo expostas a uma *totalidade* maior (Deus, mundo, natureza), Spinoza (2008; 2012) acabou, involuntariamente, sendo uma figura-chave no estudo da ecologia como um todo. Pois como já disse Ernst Haeckel, ao assumir a cosmovisão que guia o estudo ecológico,

estou plenamente de acordo com a sua concepção unitária da natureza inteira, que designamos como o único nome de Monismo. Expressamos também, sem dúvida alguma, a convicção de que um espírito está em tudo e que todo mundo conhecido existe e se desenvolve por uma lei fundamental comum [...] A nossa concepção monista do universo pertence, pois, esse grupo de sistemas filosóficos [...] [no qual] subsistem no entanto as ideias fundamentais comuns da unidade cósmica, da solidariedade inseparável da força e da substância, do espírito e da matéria ou, como também se pode dizer, de Deus e do mundo (HAECKEL *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 69-70).

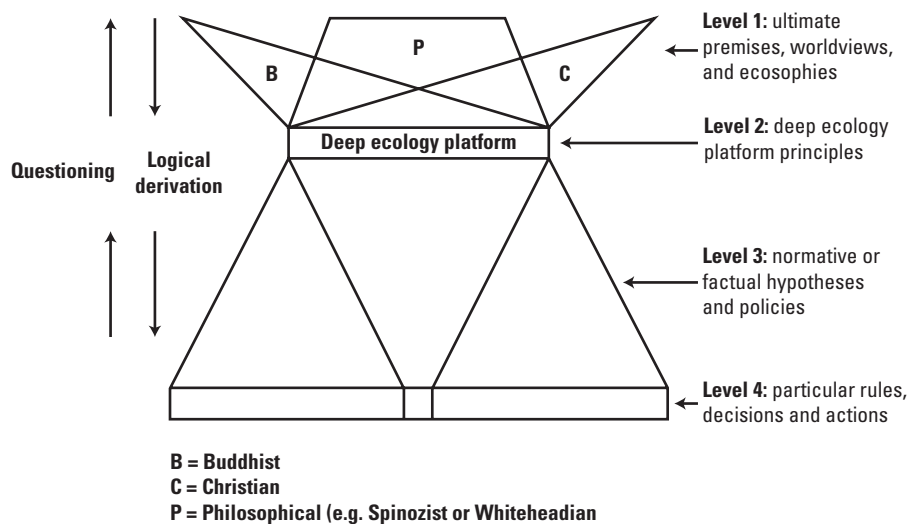
Portanto, compreende-se que o pensamento de Spinoza (2008; 2012) foi de fundamental influência na história da ecologia, em especial, na fundamentação da perspectiva do movimento da *Deep ecology*. Spinoza (2008; 2012), é um pensador que traz, atualmente, importantes indagações so-

bre as estruturas filosóficas e metafísicas, as quais compõem de forma majoritária o ocidente; a partir dele é possível estipular uma nova forma de identificar o homem em seu espaço (OLIVEIRA, 2016).

Desenvolvendo uma cidadania planetária sob o viés da *Deep ecology*

No intuito de finalizar este artigo, o último ponto a ser analisado diz respeito à aplicação dos fundamentos da *Deep ecology* na práxis¹⁶ humana. Para tanto, Naess utiliza de uma esquemática, a qual ele denomina *diagrama de Apron*, na Figura 1. Esse diagrama seria um esboço demonstrativo de como o sujeito por meio da ação e reflexão, consegue transitar de um “pensamento ecológico superficial” para um “pensamento ecológico profundo”. Nesse ínterim, o diagrama é dividido em quatro níveis, os quais a cada nível um engajamento cognoscente é requerido do indivíduo.

Figura 1 – O diagrama de Apron



Fonte: Naess (2008, p. 98)

Os primeiros níveis que se concentram na base do diagrama (níveis 4 e 3) dizem respeito às decisões particulares e de cunho cotidiano. O quarto nível, por exemplo, poderia ser comparado à decisão de jogar “lixo no lixo”, momento esse em que o indivíduo deve se questionar para realizar a escolha a partir de suas concepções individuais. Já o terceiro nível é aquele que envolve situações mais políticas e de trabalho. Por exemplo, a responsabilidade de um agricultor de compreender as políticas ambientais e respeitá-las. Perceba que, com decorrer das situações, o nível de questionamento vai aumentando como exposto no diagrama (NAESS, 2008).

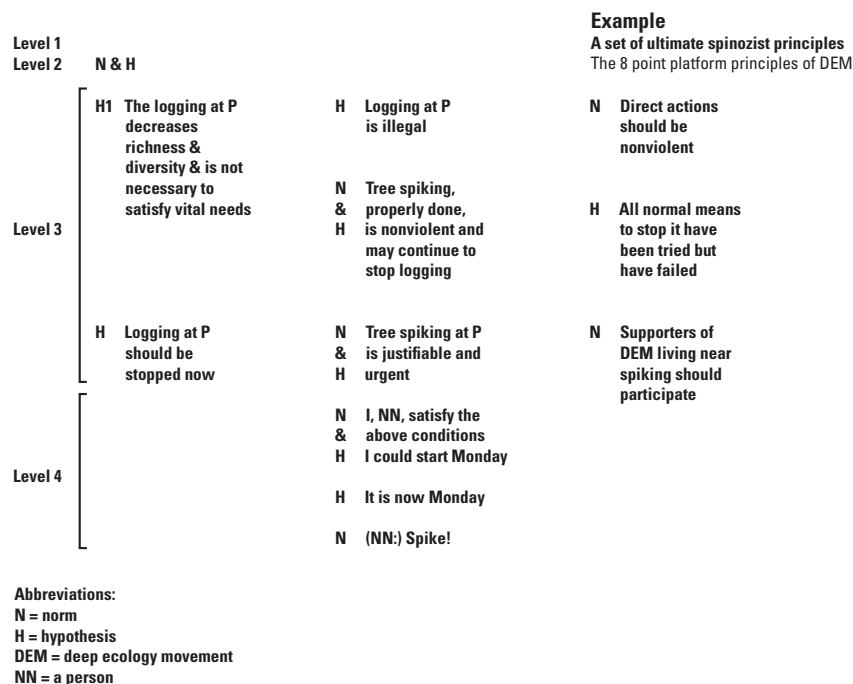
Os últimos dois níveis dizem respeito às cosmovisões ou chamadas ecosofias do sujeito. Naess (2008, p. 98, tradução livre) comenta: “O conceito de biosfera como um todo orgânico e

¹⁶ Práxis está relacionada ao ato humano, em especial, à sua capacidade de ser sobre os modos da *reflexão* e *ação*. O sujeito, *a priori*, reflete sobre sua realidade e *a posteriori* age por meio de atos (NAESS, 2008).

de tal tipo de lealdade pertence ao reino da metafísica, que é o nível 1, e não aos outros níveis”¹⁷ Portanto, em tais níveis (1 e 2), adota-se um grau de questionamento muito maior que os dois primeiros apresentados, pois eles se tornam engajados não para questões cotidianas, mas para metafísicas. Com isso, o segundo nível diz respeito à plataforma e princípios da *Deep ecology*, gerados a partir do pensamento descentralizador hierárquico do homem no meio ambiente. Sua importância reside em servir como um suporte para o primeiro nível.

Por conseguinte, o primeiro nível retrata a *ecosofia* do indivíduo, baseado em suas crenças, sejam elas religiosas ou mesmo filosóficas¹⁸. A partir dessas cosmovisões individuais, o sujeito tem acesso a um questionamento mais profundo, com o qual a construção de seu saber ecológico é formada. Por fim, Naess (2008) disserta sobre a importância da *Deep ecology*, não como um fim em si mesma, mas como um suporte na ampliação dialógica com outras formas de pensar. Em suas palavras: “Um ponto principal na ecologia profunda é a argumentação profunda, isto é, argumentação a partir de premissas finais (filosóficas, religiosas), mas há espaço para conjuntos muito diferentes de tais premissas”. (NAESS, 2008, p. 98, tradução livre)¹⁹. Por fim, a esquemática proposta pelo diagrama de Apron pode ser resumida em um outro esboço criado por Naess, como na Figura 2. Nele são expostas, de forma exemplificada, as ações e ideias requeridas em cada nível particular.

Figura 2: Exemplo de justificação de uma ação concreta formulada nos termos do diagrama de Apron



Fonte: Naess (2008, p. 100)

Portanto, a *Deep ecology* é um chamado para que a humanidade repense acerca das atitudes destrutivas do homem. É um chamado para que as religiões e sistemas filosóficos, morais e éticos,

¹⁷ “The concept of biosphere as an organic whole and of such kind of loyalty belongs to the realm of metaphysics, which is level 1, rather than to the other levels”.

¹⁸ Principal referência a sistemas filosóficos citados por Naess são os modelos monistas de Baruch Spinoza e Alfred North Whitehead.

¹⁹ “One main point in *Deep ecology* is the deep argumentation, that is, argumentation from ultimate (philosophical, religious) premises, but there is room for very different sets of such premises”.

revejam seus pressupostos sobre a natureza e o significado do homem dentro dela. E acima de tudo, a *Deep ecology* é um convite para desempenhar mudanças significativas no atual estado caótico do globo. Mudanças essas que se intercalam em uma conscientização da íntima relação entre o sujeito e o mundo.

Considerações finais

Ao longo deste estudo percebe-se que a temática alcança uma vasta extensão. O artigo em questão foi uma tentativa de trazer à tona as características desse movimento filosófico que, apesar de recente na história do mundo (século 20), apresenta suas bases em pensamentos mais antigos (Spinoza, século 17). Ficou perceptível também a íntima relação de Arne Naess com as religiões orientais, em especial com budismo. Ele mesmo afirma: “Pessoalmente, sou a favor do tipo de premissas poderosas representadas na filosofia chinesa, indiana, islâmica e hebraica, bem como na filosofia ocidental - ou seja, aquelas que têm como slogan a chamada unidade última de toda a vida” (NAESS, 2008, p. 119, tradução livre)²⁰. Sem contar que, pautando na perspectiva de “unidade de toda a vida”, pode-se perceber também uma conexão com o pensamento indígena, presenciado na deidade máxima dos povos indígenas dos Andes centrais: *Pacha Mama* (BEYERS, 2016).

Com isso, é notório a abrangência que o pensamento da *Deep ecology* apresenta, ao alinhar-se com diversas outras áreas, como por exemplo, com a fenomenologia heideggeriana, ao expor a íntima relação existencial entre sujeito e mundo; o *Dasein*²¹. Ademais, do ponto de vista teológico, muitos pontos evidenciados pela *Deep ecology* são extremamente recorrentes. Ao longo da história, a tradição judaico-cristã se aproximou muito mais da filosofia clássica grega do que de fato dos fundamentos monistas bíblicos.

Como consequência, a igreja cristã, majoritariamente, assumiu uma visão dicotômica da realidade. Em oposição ao que se verifica na Bíblia Hebraica, claramente não há essa dualidade platônica; e o respeito à natureza é explicitamente evidenciado, como em Gênesis 2:15, por meio do qual Deus aponta que colocou o homem na terra para *cultivá-la* (*ābad*) e *guardá-la* (*šāmar*). Todavia, certos pontos também são intrigantes e merecem ser pensados; por exemplo, como a *Deep ecology* enxerga a ideia do pecado original? E em perspectivas metafísicas, se Deus como substância suprema abrange toda a realidade, o que é o mal? Todas essas indagações e muitas outras são temáticas a serem exploradas em estudos futuros.

Para finalizar, deve-se realçar a importância dos princípios da *Deep ecology* como ferramentas dialógicas em uma educação ambiental. Em tempos de crise de valores além da ambiental, a instauração de uma nova forma de pensar sobre o mundo faz-se extremamente relevante. Com isso, é a partir de tais debates, mesmo que discordante em certos pontos, que o homem se capacita a mudar o rumo de sua história; pois como diria Freire (1987, p. 45), “a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante ato de desvelamento da realidade”. Nesse sentido, vejo a *Deep ecology* como um meio de mudanças educativas, ao pontuar os problemas do homem perante a natureza e propor, por meio do diálogo, soluções para as calamidades vivenciadas.

.....

²⁰ “Personally, I favor the kind of powerful premises represented in Chinese, Indian, Islamic, and Hebrew philosophy, as well as in Western philosophy—namely, those having as a slogan the so-called ultimate unity of all life”.

²¹ Michael E. Zimmerman, professor da Universidade de Berkeley e especialista na filosofia heideggeriana, possui estudos relacionando o pensamento de Heidegger com os princípios da *Deep ecology*.



Referências

- BELSHAW, C. **Environmental Philosophy: Reason, Nature and Human Concern**. London: Routledge, 2001.
- BEYERS, J. What does Religion have to Say about Ecology? A New Appraisal of Naturalism. **Journal for the Study of Religions and Ideologies**, v. 15, n. 45, p. 96 – 119, 2016.
- BITTENCOURT, J. A. **Descartes e a morte de Deus**. Belo Horizonte: Paulus Editora, 2015.
- DEVALL, B; SESSIONS, G. **Deep ecology: Living as if Nature Mattered**. Salt Lake city: Peregrine Smith Books, 1985.
- DEVALL, B. The Deep ecology Movement. **Natural Resources Journal**, New Mexico, v. 20, p. 299 – 322, Abr. 1980.
- SPINOZA, B. **Breve tratado do homem, de Deus e de seu bem estar**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- SPINOZA, B. **Ética**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987.
- GRAYLING, A.C. **The History of Philosophy**. Londres, Inglaterra: Penguin Press, 2019.
- KESSELRING, T. O conceito de natureza na história do pensamento ocidental. **Episteme**, Porto Alegre, n. 11, p. 153 – 172. jul/dez 2000.
- MCHENRY, L. Whitehead's Panpsychism and Deep ecology. In: WHEELER, D.; CONNER, D. E. **Conceiving an Alternative: Philosophical Resources for an Ecological Civilization**. Processes Century Press, 2019. P. 229 – 251.
- NAESS, A. **The Ecology of Wisdom: Writings by Arne Naess**. Berkeley: Counterpoint, 2008.
- NAESS, A. **Spinoza and Ecology**. p. 45 – 54, 1977.
- OLIVEIRA, N. M. C. **O conceito de Natureza em Spinoza: contribuições para uma crítica ecológica mais efetiva**. 2016. 101f. Dissertação (Desenvolvimento e Meio Ambiente). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- REALE, G. **História da Filosofia: do humanismo a Descartes**, v. 3. São Paulo, SP: Paulus, 2004.
- REALE, G. **História da Filosofia: de Spinoza a Kant**, v. 4. São Paulo, SP: Paulus, 2005.
- REED, P.; ROTHENBERG, D. **Wisdom in the Open Air: The Norwegian Roots of Deep ecology**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992.
- WIMBERLEY, E. T. **Nested Ecology: The Place of Humans in the Ecological Hierarchy**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2009.